

Dupla GreNal na *Zero Hora*: cobertura do título do Grêmio e do rebaixamento do Inter em 2016

THALITA RAPHAELA NEVES DE OLIVEIRA¹

Resumo: Este artigo tem como objeto de estudo a cobertura da dupla GreNal (Grêmio x Internacional) pelo jornal *Zero Hora* (ZH), com a análise de notícias publicadas e de depoimentos dos repórteres envolvidos nessa mesma cobertura. O objetivo é identificar se e de que modo as preferências clubísticas desses jornalistas intervêm na construção do discurso jornalístico sobre a dupla GreNal, principalmente em um contexto peculiar na história dos dois rivais seculares, ocorrido de forma simultânea no final de 2016: a conquista da Copa do Brasil pelo Grêmio de Foot-Ball Porto Alegre e o rebaixamento do Internacional Sport Club para a Série B do Campeonato Brasileiro. A metodologia que viabiliza este estudo é a Análise de Discurso.

Palavras-chave: jornalismo esportivo; clubismo; Análise de Discurso; GreNal; *Zero Hora*

Introdução

Aos 26, o Botafogo teve uma chance preciosa com Camilo: o meia cobrou falta no travessão de Léo. O Grêmio ainda teve um gol anulado aos 30, Batista desviou de cabeça e o goleiro Sidão deu o rebote para Bolaños, que mandou para as redes, mas estava em posição irregular. Aos 34, o equatoriano teve outra chance, mas o goleiro do Botafogo fez grande defesa. Ao final, a torcida nem ligou para o resultado. Tudo era festa pelo penta na Copa do Brasil e o rebaixamento do Inter à Série B. (JORNALISTA G, 2016).

A Análise de Discurso (AD) pressupõe que as palavras produzem sentidos conforme o lugar de fala dos sujeitos envolvidos no processo comunicativo. Isso significa que os discursos poderão ter diferentes significados dependendo de quem diz, de onde diz e, sobretudo, de como diz. Nesse processo, as formações discursivas do sujeito que fala, bem como os sentidos produzidos por seu discurso, dependem das formações ideológicas de ambos os atuantes: emissor e receptor. Desse modo, é possível afirmar que, se as ideologias do sujeito receptor da mensagem forem compatíveis com as ideologias do sujeito emissor, o discurso significará de maneira semelhante para as duas partes envolvidas: leitor e jornalista, neste caso. Nessa perspectiva, pode-se dizer então que, ao longo do percurso comunicativo, o processo de leitura é o momento ápice da formação de sentidos.

Para esse objetivo, uma postura produtiva é a de considerar que a leitura é o momento crítico da constituição do texto, pois é o momento privilegiado do processo da interação verbal: aquele em que os interlocutores, ao se identificarem como interlocutores, desencadeiam o processo de significação. Em outras palavras: é na sua interação que os interlocutores instauram o

¹ Mestre em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (2016-2018), com pesquisa financiada pela CAPES.

espaço na discursividade. Autor e leitor confrontados definem-se em suas condições de produção e os fatores que constituem essas condições é que vão configurar o processo da leitura. (ORLANDI, 1984, p. 180).

Um exemplo dessa prática pode ser visto no excerto que abre este artigo, extraído da matéria “Equipe se despede do Brasileirão com derrota”, publicada pela *ZH Esporte*, no dia 12 de dezembro de 2016. Nela, o discurso do jornalista G (identidade protegida) produz sentidos diferentes – e opostos – para gremistas e colorados. Isso acontece porque as formações discursivas presentes na angulação que ele dá ao fato – o clima festivo nas arquibancadas do Grêmio apesar da derrota dentro de campo – assim dimensionam a significação da matéria. Tais sentidos poderiam ser considerados apenas diferentes para os torcedores de Grêmio e de Inter, mas se tornam também opostos na medida em que o repórter opta por salientar um aspecto exterior à pauta – aspecto este que seria o rebaixamento do Inter – como motivo para a comemoração dos tricolores nas arquibancadas, ainda que estivessem perdendo o jogo no gramado. Acredita-se que o exemplo em questão evidencia como os aspectos intrínsecos da Análise de Discurso funcionam no processo de significação do texto jornalístico.

Tomando por base essa perspectiva, a intenção deste trabalho é identificar as interferências da rotina produtiva da *ZH* no funcionamento do discurso do caderno de esportes, relacionando-as às premissas básicas da AD: quem diz (a instituição *Zero Hora*), de onde diz (do Rio Grande do Sul, em seu contexto sociocultural característico) e, sobretudo, de como diz (conforme as linhas editoriais da empresa e as formações ideológicas dos jornalistas entrevistados). Esse artigo traz algumas percepções dessa discursividade, evidenciadas por meio da identificação das formações discursivas das matérias analisadas e de suas relações com os depoimentos dos repórteres que assinaram o material (aqui citados com codinomes “A”, “B”, “C” etc.), na tentativa de transparecer não somente o discurso explícito nas linhas do jornal, mas, principalmente, o que há nas entrelinhas do que foi publicado. Antes de projetar os resultados, porém, vale esclarecer as três etapas metodológicas propostas para esta pesquisa. São elas:

- Etapa 1) mapeamento no *corpus* noticioso das formações discursivas que possam remeter às preferências clubísticas dos repórteres, em cinco categorias de análise: a) quantidade de matérias; b) angulação da matéria; c) valor-notícia predominante; d) presença de adjetivos e advérbios/palavras adjetivados; e) fontes entrevistadas;

- Etapa 2) realização de entrevistas em profundidade com os repórteres que assinaram o material, de modo a identificar em seus depoimentos os possíveis discursos e informações por eles silenciadas/omitidas no conteúdo noticioso;

- Etapa 3) correlação dos resultados obtidos na análise do *corpus* noticioso com os depoimentos dos jornalistas, identificando se e de que modo as preferências clubísticas dos repórteres intervêm na construção do discurso jornalístico.

O *corpus* noticioso correspondente à etapa 1 é composto pelas matérias do caderno *ZH Esporte* na cobertura da dupla GreNal de 5 a 12 de dezembro de 2016, que abordaram um fato raro e, portanto, de grande noticiabilidade no jornalismo esportivo: o contexto simultâneo do título do Grêmio, conquistado no dia 7 de dezembro, e do rebaixamento do Inter, ocorrido quatro dias depois. Ao todo, foram sete edições analisadas. Já o conteúdo correspondente à etapa 2 abrange os depoimentos dos repórteres que assinaram o material. Esses depoimentos foram colhidos pela pesquisadora após a análise discursiva do *corpus* noticioso, sob a técnica de entrevistas em profundidade, realizadas na redação da *Zero Hora* nos dias 25, 26 e 27 de abril de 2018, individualmente com cada repórter. Importante ressaltar que o jornalista Ticiano Osório, que é torcedor do Grêmio, foi o único dentre os sete entrevistados que optou por manter seu nome revelado nesta pesquisa. Já os demais entrevistados preferiram omitir suas respectivas identidades por questões de segurança, respondendo apenas em *off* quando perguntados para que time torcem.

Linhas x entrelinhas: das notícias publicadas aos depoimentos dos repórteres

Para que se compreenda a relação discursiva que se pretende propor entre as notícias publicadas e os depoimentos colhidos, é necessário apresentar primeiramente os resultados obtidos na análise noticiosa. Nessa análise, priorizou-se o aspecto quantitativo da amostra, com base nas cinco categorias pré-definidas, para, posteriormente, fazer as correlações qualitativas conforme os depoimentos dos jornalistas. Cabe aqui justificar a escolha de cada categoria de análise: acredita-se que os critérios elencados – quantidade de matérias, angulação, valor-notícia, adjetivação e fontes – são os que melhor permitem identificar as formações discursivas presentes no texto jornalístico. Silva e Soares (2013) validam essa perspectiva quando descrevem o “protocolo metodológico da análise de cobertura jornalística” para explicar como esse protocolo permite revelar aspectos do processo produtivo a partir da identificação de

sinais característicos no produto noticioso final, sinais estes atrelados às categorias de análise aqui propostas.

Concebemos o método de Análise de Cobertura Jornalística (ACJ) (SILVA; MAIA, 2011) para examinar como um determinado veículo estrutura a cobertura de assuntos em geral ou de acontecimentos factuais específicos, explorando as marcas das **técnicas e estratégias de apuração, composição, disposição** e, conseqüentemente, **angulação** da notícia nas páginas do veículo. Com isso discutimos o próprio conceito de cobertura jornalística. O método se organiza em um protocolo que tenta verificar como o texto publicado revela aspectos do processo produtivo da notícia, procurando (a) não deixar que tais aspectos fiquem subsumidos na opção pela Análise de Conteúdo, (b) não adotar um conceito reducionista de newsmaking e (c) não esquecer as opções e decisões de cobertura para a compreensão do discurso jornalístico delas resultante. (SILVA; SOARES; 2013, p. 5, grifo nosso).

Optou-se por não inserir os pormenores da análise quantitativa no corpo deste texto, pois, devido à extensão do conteúdo, poderiam comprometer a fluidez da leitura. Cabe também um adendo quanto à categoria de valor-notícia, para explicar que a análise baseou-se na nomenclatura de valores-notícia sistematizada por Silva (2005) em um compilado das contribuições dos pesquisadores que se debruçaram sobre o tema. Os valores-notícia ali elencados foram tomados nesta análise sob a ótica esportiva, de modo que, por exemplo, quando se fala no valor-notícia “governo”, a intenção é se referir ao governo dos clubes; quando se fala no valor-notícia “tragédia/drama”, ele se refere ao contexto dramático de uma situação decisiva dentro campo; quando se fala no valor-notícia “proeminência das pessoas envolvidas”, ele se refere ao protagonismo dos personagens do jogo, e assim por diante.

Observando-se as sete edições analisadas, Grêmio e Inter foram pautados em todas elas com matérias assinadas, excetuando-se a edição do dia 05, em que não há matéria assinada sobre o Inter. Quando perguntados sobre a origem das matérias sem assinatura, os repórteres disseram que geralmente se tratam de notas menores ou conteúdos reaproveitados de outros veículos da *RBS*. O caderno *ZH Esporte* varia de dez a dezesseis páginas, sendo geralmente duas para o Grêmio, duas para o Inter (com matérias de página inteira ou meia página) e o restante para outros eventos esportivos.

Na amostra analisada, o Grêmio aparece em treze matérias e o Inter em nove. Os repórteres foram unânimes quanto ao cuidado editorial de dar o mesmo número de páginas para ambos os times, esclarecendo que, quando há variação nesse número, isso se deve à relevância da competição e ao momento da equipe, como explica o jornalista A (2018, s/p): “aqui as pessoas ligam pra reclamar que o espaço de um é maior que o espaço do outro. [...] Mas aí é pela importância da competição e do momento.

Normalmente, no dia a dia, são duas páginas pra cada um.”. O jornalista D (2018, s/p) também ressalta a reclamação dos leitores: “isso tem que ser que nem tu servir refrigerante pra dois irmãos pequenos, a mesma medida. Se não for assim... Ih! Não é raro as vezes que leitor liga pra reclamar: ‘ah deu mais espaço pro Grêmio.’”.

Quanto ao protagonismo da dupla GreNal, F (2018) e E (2018) ponderam que nem mesmo os grandes eventos esportivos, como a Copa do Mundo 2018, tiram a audiência das duas equipes no noticiário: “nós vamos fazer um baita trabalho como foi em 2014, e olha que em 2014 foi aqui... um baita trabalho, uma baita estrutura, um baita envolvimento, uma correria, uma baita edição e... a notícia mais lida do dia: a hora do Grêmio, a hora do Inter” (JORNALISTA F, 2018, s/p). Com certo tom de humor, F (2018, s/p) relata que, em 2014, uma matéria sobre a “contratação de um merreca da base era mais lida do que a Copa do Mundo. Faz parte também. O público consome muito a dupla GreNal”. O jornalista E (2018, s/p) é ainda mais categórico:

O GreNal é uma instituição gaúcha, sabe? Hoje as maiores audiências no site são de material de Grêmio e Inter, é o que puxa a audiência, é o que as pessoas querem saber. Pra tu ter uma ideia, eu não teria dados pra te dar, mas na última Copa, mesmo a Copa sendo aqui, o material de Grêmio e Inter não baixou a audiência. E a gente diminui a estrutura de Grêmio e Inter, a gente mantém um editor e dois repórteres pra manter o noticiário, e a audiência desse material produzido por eles segue alta, e ela bate... Agora na próxima Copa, vai acontecer isso também. A gente brinca: as pessoas não querem saber de Seleção Brasileira. Mesmo sendo o Tite, o Felipão, o Mano Menezes, o Dunga... olha só, só gaúcho né, eles não querem saber. Se tu faz um texto que não seja de Grêmio e Inter a audiência não é a mesma, a audiência é baixa. [...] Mas se eu boto que tem um menino da base do Grêmio de dezessete anos que tá renovando contrato, a audiência vai lá em cima. É muito forte o apelo de Grêmio e Inter aqui no Rio Grande do Sul.

Considerando-se não somente a predominância de pautas do Grêmio, mas, sobretudo, a angulação de tais pautas – nove com enfoque positivo para o time tricolor e apenas uma com enfoque positivo para o colorado, que pautava a importância dos sócio-torcedores do Inter na votação eleitoral para a presidência do clube –, é possível inferir que a *Zero Hora* tende a priorizar em seu caderno de esporte os acontecimentos positivos – como a conquista do título, os jogadores-destaque e a festa da torcida –, deixando em segundo plano as pautas negativas – como o rebaixamento à série B, a crise do clube e a má administração. Quando perguntado se isso fazia parte da linha editorial da *ZH*, o repórter especial Ticiano Osório (2018), editor de outros cadernos e um dos jornalistas com mais tempo de casa, responde sem hesitar: “sim, sim”.

O jornalista D (2018, s/p), um dos veteranos da editoria esportiva, é contrário a essa perspectiva, atrelando-a às particularidades da rotina produtiva do jornal: “não,

não. Acho que nesse caso específico o que aconteceu foi que o campeonato tinha acabado também. Sem contar que o título do Grêmio foi meio de semana, né, porque era Copa do Brasil. Então também tem a questão de tu não ter tanto material naquele dia.”. Ou seja, conforme explicou D (2018), como a Copa do Brasil era o único evento futebolístico do meio da semana, decerto haveria mais páginas disponíveis para o Grêmio, já que não ocorriam eventos concomitantes no dia.

Por outro lado, enquanto o enfoque positivo dado ao título tricolor predominou nas páginas informativas do jornal, o enfoque negativo dado ao rebaixamento do Inter foi dominante nas páginas opinativas. Ainda que este *corpus* não contemple a análise de colunas, vale ressaltar que, no caderno do pós-rebaixamento, todos os colunistas daquela edição – dez, ao todo – trataram da queda colorada, enquanto não houve nenhuma edição em que todas as colunas tratassem do Grêmio. Isso faz inferir que, na *Zero Hora*, o enfoque negativo é pautado mais no espaço da opinião do que no espaço da informação, talvez como uma estratégia jornalística para resguardar o repórter das eventuais críticas do público. Fazendo um paralelo com o que Tuchmann (1972) diz sobre o ritual estratégico da objetividade, nas páginas de opinião, em contrapartida, esse processo seria como um ritual subjetivo.

Quanto a essa questão, os repórteres não chegaram a uma resposta definitiva, exceto o jornalista E que, quando perguntado se o enfoque negativo aparece mais nas páginas de opinião do que nas páginas de informação, foi enfático: “não, não. Os colunistas são autônomos.”. Insinuando um contraponto, Ticiano Osório pondera: “não me atrevo a fazer essa análise porque eu não tenho todo esse histórico. Mas o normal é o seguinte: as pessoas em geral escrevem mais pra criticar e não pra elogiar” (OSÓRIO, 2018, s/p). Mesmo que o enfoque negativo dado ao Inter seja destaque nas páginas opinativas dos cadernos analisados, na avaliação dos demais repórteres, esse enfoque também preponderou nas páginas informativas. Sim, sem dúvidas. Mas o que esta análise pretende evidenciar é que, em comparação às angulações positivas do Grêmio, houve menos espaço informativo para a angulação negativa de Inter. No espaço opinativo, contudo, ocorreu o contrário.

Os repórteres justificam essa percepção argumentando que o trato do rebaixamento do Inter não se deu exclusivamente na semana derradeira que compõe este *corpus*, tendo sido pautado já no primeiro semestre de 2016: “a primeira matéria que a gente fez naquele ano perguntando pra direção sobre o rebaixamento era em julho. Em julho a gente já falava em rebaixamento do Inter, cinco meses antes de realmente cair”

(D, 2018, s/p.). O jornalista B (2018) segue o mesmo raciocínio para explicar porque o Inter aparece menos do que o Grêmio nos cadernos da semana decisiva:

Tem uma questão que eu acho que pesa aí que é o seguinte: o rebaixamento do Inter ele não se dá naquela semana. A gente, entre aspas, deu pau no Inter o ano inteiro. E, querendo ou não, pra tu fazer matéria... notícia... notícia é novidade. A gente não pode dar de novo todas... registrar mais uma vez tudo o que a gente já vinha registrando durante o ano. E aí, claro, no espaço de opinião, é o momento de tu analisar por que um clube desse caiu, enfim, e aí cada um vai falar de acordo com a sua opinião. (B, 2018, s/p.).

Nesse âmbito, independentemente da quantidade de páginas, é fundamental destacar que, enquanto nas matérias do Grêmio predominaram os aspectos do jogo em si, nas matérias do Inter preponderou o contexto extracampo, com foco na gestão do clube na temporada do rebaixamento. O período de eleição presidencial no Inter, inclusive, coincidiu com a época da queda no Campeonato Brasileiro. Desse modo, ao mesmo tempo em que houve angulações neutras para pautar as eleições presidenciais da instituição, prevaleceram angulações negativas para tratar da gestão do presidente Vitorio Piffero, atrelando-a ao contexto do rebaixamento do time. Das nove matérias coloradas analisadas, em três predominou o valor-notícia governo – pautando as eleições presidenciais do clube –, em duas predominou o valor-notícia justiça – pautando o caso Victor Ramos², que poderia beneficiar o time na luta contra o rebaixamento – e em quatro predominou o valor-notícia tragédia/drama – pautando a conjuntura da queda.

Já nas treze matérias tricolores, em oito delas prevaleceu o valor notícia proeminência das pessoas envolvidas, pautando os protagonistas da conquista do título, como alguns jogadores que foram destaque e o técnico Renato Portaluppi. Quanto às demais, em duas delas predominou o valor-notícia impacto – pautando a logística da Arena para receber os mais de 55 mil torcedores e a importância do título depois de quinze anos de jejum –, em uma delas predominou o valor-notícia comemoração – pautando a festa da torcida pelas ruas de Porto Alegre – e em outra predominou o valor-notícia drama – na matéria do gremista Edinho, torcedor com doença terminal que ganhou ingressos para assistir à final no estádio. Por fim, o valor-notícia “raridade”

² Para tentar escapar do rebaixamento em 2016, o Internacional entrou com um pedido no Supremo Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) para que fosse apurada a suposta escalção irregular do zagueiro Victor Ramos, do Vitória. O clube alegava que fora ilegal a transferência do jogador – que pertencia ao Monterrey, do México – para o clube baiano. Caso fosse confirmada alguma irregularidade, o Vitória – concorrente direto do Inter na luta contra o rebaixamento – perderia pontos no campeonato, favorecendo o alívio colorado na tabela. No entanto, o STJD considerou que a transferência ocorreu dentro dos trâmites legalmente previstos. Posteriormente, a situação do Internacional agravou-se mais ainda porque o clube teria utilizado e-mails adulterados na tentativa de comprovar sua denúncia.

aparece na última edição analisada, em matéria já citada na introdução deste artigo, sobre o último jogo do Grêmio no Brasileirão. Nela, o aspecto inusitado é o fato de que, mesmo com a derrota dentro de campo, o torcedor fazia a festa nas arquibancadas.

Enquanto as matérias sobre o Grêmio ganharam mais páginas e priorizaram o enfoque positivo, nas do Inter, por sua vez, houve mais aprofundamento e contextualização. Para o jornalista B (2018, s/p), a explicação é simples: “é que a conquista do Grêmio é uma conquista de campo, né? [...] Por outro lado, não tem como um clube do tamanho de Grêmio e Inter cair sem haver um contexto gigantesco envolvido. E aí a gente tem obrigação de retratar esse contexto.”. Para além das matérias do final de 2016, o jornalista B (2018, s/p) afirma que essa contextualização extracampo continua pautando as páginas do Inter também em 2018:

Agora teve até uma série de matérias que a gente publicou há pouco a respeito das irregularidades da gestão do Inter naquela época. Irregularidades que estão sendo investigadas, irregularidades que, assim, o Ministério Público tá investigando, de possíveis fraudes, possível mau uso do dinheiro do clube. Aí é uma ampliação daquilo pra mostrar como essa gestão no fim das contas derrubou o clube pra Série B. Claro, não é só a gestão, mas o grupo de jogadores, tudo... Cumprindo a nossa missão de refazer o retrato do momento, de mostrar os porquês de algo tão grande, do ponto de vista jornalístico, que é o rebaixamento de um clube desse tamanho, por que isso aconteceu, assim como a gente tem que mostrar por que o Grêmio está vivendo um dos melhores momentos da sua história. (B, 2018, s/p).

Relacionando a contextualização que os repórteres fazem dos bastidores do Internacional – ainda que esses aspectos não estejam totalmente explícitos no conteúdo noticioso – com a adjetivação presente nas matérias do *corpus* analisado, é possível inferir porque o uso de adjetivos (advérbios ou outras palavras com carga adjetiva) se fez proporcionalmente mais presente nas matérias do Inter do que nas matérias do Grêmio. Em termos numéricos, há um total de 140 adjetivos nas treze matérias tricolores e 89 adjetivos nas nove matérias coloradas – configurando uma média de dez adjetivos por matéria do Grêmio e nove por matéria do Inter. Porém, em termos de concentração de adjetivos em uma única matéria, considerando-se textos de tamanhos proporcionais, o Inter foi mais (des)qualificado.

Por exemplo, na matéria “De Abu Dhabi à Baixada Fluminense”, que antecede o domingo do rebaixamento, foram somadas 45 expressões adjetivas, entre elas: “um racha irreversível na alta cúpula do clube”, “calorenta e violenta Baixada Fluminense”, “eclosão política colorada”, “seu vice e fiel escudeiro” e “investiu pesado em medalhões”. Quando perguntado se o uso de adjetivos era mais comum nas pautas negativas, o jornalista E logo se lembrou dessa matéria em questão: “eu fiz uma matéria

que talvez tenha essa característica, que foi a matéria de ‘Abu Dhabi à...’ [...]. Acho que o adjetivo te ajuda a reforçar. Tu tá contando uma história e tu consegue dar o teor, o peso que ela tem.” (E, 2018, s/p).

Na edição do rebaixamento, além da cobertura fotográfica que fala por si, a matéria do pós-jogo do Inter também carrega um discurso potencializado pelo drama do momento. O texto traz no título: “Frieza, resignação e pedido de desculpas” e, no conteúdo, vinte expressões adjetivas, entre elas: “se mostrou pronto, frio e com um discurso decorado”, “acanhada e improvisada sala de entrevistas”, “fama de arrogante”, “Inter inoperante” e “pior ano da centenária história colorada”.

Quando perguntados se, na *ZH Esporte*, as matérias com enfoque negativo são mais dramatizadas do que as matérias de enfoque positivo, os repórteres consideraram que sim: “com certeza, porque a gente tenta talvez fugir daquela posição de bajular, sabe? Ao mesmo tempo que tu reconhece a grandeza... É até uma situação delicada que a gente vive hoje, sabe, porque tu não tem mais como elogiar o Grêmio.” (C, 2018, s/p). Segundo o jornalista C (2018, s/p), não houve a tentativa de encontrar algum aspecto positivo no rebaixamento para minimizar a dor do colorado, pelo contrário: “todo mundo apresentou exatamente que o rebaixamento era um fracasso, uma mancha na história do clube que se orgulhava de nunca ter sido rebaixado”. Ele atrela o enfoque dessa cobertura também ao discurso arrogante do presidente Piffero, que em suas manifestações públicas costumava dizer que “time grande não cai”.

Retomando a matéria do pós-rebaixamento, o jornalista D (2018, s/p) também atribui a presença dos adjetivos ao ineditismo do fato: “não foi orientação nem nada. Mas era um momento histórico, épico, assim, pro Inter que nunca tinha caído. [...] E o Grêmio tinha sido rebaixado duas vezes já. Então era algo muito caro pra torcida.”. Além disso, D (2018) justifica o dramatismo das matérias com base na história do Rio Grande do Sul. Fazendo um paralelo com a imprensa portenha, ele ironiza: “eu acho que talvez venha muito da nossa localização também. Se tu pegar a imprensa argentina, tu pega o *Olé*, por exemplo. Nossa! Tu vai às lágrimas lendo.” (D, 2018, s/p). Quanto ao choro da torcida colorada, este, por sua vez, parecia não comover o grupo de jogadores naquele jogo decisivo:

Eu acho que eu cheguei com o Inter no Rio, na véspera do jogo, ou na sexta, não me lembro agora. Mas o clima todo na concentração do Inter já era de time rebaixado. Acabava o jogo, independente do resultado, os jogadores tavam de férias. Então, na véspera do jogo mesmo, no domingo de manhã antes do jogo, tavam os amigos dos boleiros já chegando, encostando os “caminhonetão” do lado do hotel, botando as bagagens deles já, sabe?

Estavam pensando mais nas férias do que no jogo. Tava rebaixado já. Era só saber como ia ser a coisa. E até começou o jogo com o Inter tendo alguma chance de escapar, pelos resultados paralelos. Mas aí acho que no final do primeiro tempo já era. E quem tava convivendo no ambiente da concentração naquele dia no hotel, tu via que... era só discurso pró-forma, porque eles não estavam mais nem aí. (D, 2018, s/p).

Chegando à quinta e última categoria de análise – fontes entrevistadas –, a amostra aponta que foram ouvidas mais fontes nas pautas do Internacional do que nas pautas do Grêmio, totalizando dezoito entrevistados nas treze matérias tricolores e 21 entrevistados nas nove matérias coloradas. Além disso, notou-se uma presença consideravelmente maior de fontes oficiais – ou primárias – no conteúdo do Inter, como antigos e atuais dirigentes colorados e os candidatos à eleição presidencial do clube. No conteúdo tricolor, técnicos e jogadores foram as fontes mais ouvidas. Isso se explica porque, conforme já apontado, o Grêmio foi mais pautado pelo aspecto dos jogos em si, ao contrário do conteúdo do Inter, onde predominou o contexto extracampo.

Quando perguntados sobre como se dá a relação com as fontes oficiais nas pautas negativas – o que eventualmente poderia manchar a imagem da fonte –, os setoristas do Internacional afirmaram que, inevitavelmente, eles perdem a fonte, mas, com o tempo, acabam recuperando. Para o jornalista D (2018), a receita é “seguir insistindo”. Inclusive, os outros dois setoristas do Inter apontaram o protagonismo de D nessa relação com as fontes: “o jornalista D, que é ‘o cara’ de nós três, ele conhece muito o bastidor do Inter, então ele tem muita informação.” (A, 2018, s/p).

Do total de 22 matérias analisadas, quatro não citaram fontes, todas relativas ao Grêmio. Duas delas foram veiculadas na edição do dia 07, sendo a primeira intitulada “Renato e a justiça poética”, escrita por Ticiano Osório com trechos em primeira pessoa; e a segunda intitulada “Douglas e Pratto, espécies em extinção”, com conteúdo que pautava a comparação do estilo de jogo dos jogadores Douglas, do Grêmio, e Pratto, do Atlético-MG, que seriam adversários na decisão daquela noite. Em seguida, na edição do dia 08, a matéria “5 vezes Grêmio”, pós-título tricolor, também dispensa o uso de fontes. Talvez não porque elas fossem dispensáveis, mas, sim, pela logística do jornal impresso, o que, muitas vezes, acelera a produção da matéria pós-jogo. Porém, foi possível inferir tal justificava para a ausência de fontes na matéria principal do dia com base no que esclarece o jornalista D (2018, s/p), em outro contexto, a respeito do fechamento do diário: “o jogo foi depois da novela, então... meio de semana, pra nós... pro impresso, pra rodar o jornal, é um horário dos piores possíveis, né?”.

O quarto conteúdo que não recorre a fontes é a já citada matéria que abre este tópico, “Equipe se despede do Brasileirão com derrota”, pautando a última partida do Grêmio pelo Campeonato Brasileiro. O conteúdo descreve brevemente o desenrolar do jogo e a derrota do Grêmio, porém com foco nas arquibancadas, onde os gremistas faziam festa pelo rebaixamento do Inter, consolidado naquela tarde. O repórter em questão não contribuiu com seu depoimento a esta pesquisa para que se pudesse propor uma reflexão quanto ao enfoque dado à matéria. Mas, devido ao peso da rivalidade clubística no Rio Grande do Sul, é possível inferir que os gremistas tenham ficado mais felizes com o rebaixamento do Inter do que com o próprio título do Grêmio.

Quando questionados se os gremistas comemoraram mais a queda do rival do que o título da Copa do Brasil, a maioria dos repórteres acredita que sim. Sem titubear, o jornalista F (2018, s/p) confirma: “não tenho a menor dúvida. Tenho certeza absoluta.”. O jornalista B (2018, s/p) é mais ponderado: “não. Eu acho que não. É que o título da Copa do Brasil foi muito significativo.”. Ele explica que, caso o rebaixamento do Inter tivesse ocorrido em 2017, com a conquista do Grêmio já consagrada, existiria essa possibilidade. Mas, como o caneco foi conquistado após um enorme jejum de títulos, o gremista se apegou muito àquela vitória. No entanto, B admite que certamente “foi um êxtase pro torcedor do Grêmio as duas coisas se combinarem”, já que “as duas fontes de provocação da torcida do Inter em relação à do Grêmio caíram praticamente na mesma semana”: o jejum de quinze anos sem títulos e os dois rebaixamentos em sua história (B, 2018, s/p). Perguntados se já haviam coberto um momento tão atípico da rivalidade GreNal – o título do Grêmio na quarta e a queda do Inter no domingo –, os repórteres são unânimes em dizer que não: “essa gangorra quebrou legal essa vez” (OSÓRIO, 2018, s/p). O jornalista E (2018, s/p) elucida a quebra:

O Inter tinha como grande patrimônio nunca ter caído. Então naquele período ali de uma semana, dez dias, o Rio Grande do Sul meio que virou de ponta-cabeça... porque o Grêmio sempre disse assim: “Libertadores e Mundial é coisa do Grêmio, o Inter joga Brasileirão, joga Gauchão...”. Aí o Inter ganhou o Mundial. Isso mudou a relação. Depois que o Inter ganhou o Mundial, a coisa meio que incendiou, porque o colorado disse: “agora eu também tenho Mundial, agora eu vou pro pau contigo. Agora eu vou pro combate.”. Então o colorado não era mais o coitadinho, não! Agora ele era um clube. E aí o que aconteceu? Com a equiparação de títulos, e o destino quis que os dois tivessem duas Libertadores e um Mundial, o que passou a pesar? “Ah eu nunca caí, tu já caí”. Aí pô, o Inter cai! (E, 2018, s/p).

Ticiano Osório (2018) ainda relembra o “GreNal do 5 x 0”, ocorrido na Arena do Grêmio em 2015, em jogo válido pelo segundo turno do Campeonato Brasileiro. A última vitória tricolor sobre o colorado com esse placar havia sido em 1912. Segundo

ele, a virada da gangorra se deu a partir desse momento: “na nossa mitologia o barco começou a afundar no GreNal do 5 x 0” (OSÓRIO, 2018, s/p). Um ano depois, com a conquista da Copa do Brasil pelo Grêmio e o rebaixamento do Inter já consolidado, o jornalista C (2018, s/p) assegura: “aquele domingo eu posso te garantir que foi mais festejado pros gremistas do que o título de quarta-feira. [...] O ápice da festa gremista foi o rebaixamento colorado.”. O jornalista A concorda que a queda foi mais comemorada do que o título, mas pressupõe uma nova virada na gangorra: “era isso que se usava de argumento: ‘ah, mas a gente nunca caiu’, ‘time grande não cai’... Era uma coisa que estava incomodando os gremistas há muito tempo. E aí agora o discurso é: ‘time grande não cai duas vezes.’”.

Considerações finais: resultados e perspectivas

O setorista não tem time. Na verdade uma coisa que é muito forte aqui no Rio Grande do Sul é isso, que eu acho ruim, é que as pessoas não podem torcer... Porque contamina, passam a achar que tu vai jogar contra, passam a achar que tu vai atrás de escândalo só porque tu é torcedor do outro time, passam a achar que tu vai de alguma forma beneficiar o time pra qual tu torce na escolha da foto da capa, no tamanho de matérias etc. e tal. Aqui é muito forte essa cobrança à *Zero Hora* e a toda a imprensa: “ah a *Zero Hora* é gremista... a *Zero Hora* é colorada”. É sempre assim, sempre se há um jeito de pegar uma manchete e enxergar nela algo conspiratório. Pegar uma foto e achar que essa foto foi escolhida por um torcedor adversário... Isso é muito comum aqui. Sim. Tudo é um GreNal no Rio Grande do Sul. (OSÓRIO, 2018, s/p).

Os repórteres da *ZH Esporte* foram unânimes ao atribuir a contundência da crítica do público aos aspectos socioculturais do estado: “é muito forte no Rio Grande do Sul essa questão de que tudo é um ato de vida ou morte. E no futebol cada jogo é vida ou morte, né?” (OSÓRIO, 2018, s/p). O jornalista D (2018, s/p) esclarece: “é que aqui a gente toma muito partido: ou é PT ou PMDB, ou é chimango ou maragato, ou é Grêmio ou é Inter”. Desse modo, enquanto a passionalidade é um componente intrínseco à editoria esportiva, pode-se dizer que o futebol é um componente intrínseco aos gaúchos, conforme sugere o jornalista E (2018, s/p): “o futebol aqui move a paixão. O GreNal é tido como patrimônio do gaúcho. É o chimarrão, o churrasco e o GreNal.

Na ótica desta pesquisa, é justamente dessa mistura de passionalidade e extremismo que se deriva a rivalidade clubística nos moldes sul-rio-grandenses. Validando as premissas já apontadas neste estudo, o jornalista F (2018, s/p) assegura que “a rivalidade GreNal tem a ver com o que é o Rio Grande do Sul”. No entanto, seu colega jornalista E (2018, s/p) pondera que esse extremismo é, na verdade, “uma coisa

meio burra porque se o Grêmio fecha, o Inter... Um depende do outro. Um sobe o outro. Historicamente, o Grêmio e o Inter vão subindo porque um quer alcançar o outro.”.

Com base no pressuposto validado pelos repórteres da *ZH Esporte* de que todo jornalista esportivo tem um time para torcer, tem-se uma aproximação da problemática desta pesquisa na tentativa de verificar a hipótese que a orienta, de que as preferências clubísticas dos jornalistas intervêm na construção noticiosa. Com o objetivo de identificar como isso acontece, concentrou-se em apresentar, neste artigo, os conceitos teóricos e os procedimentos técnicos da metodologia que fundamenta esta análise para, então, relacionar as notícias publicadas com os depoimentos dos repórteres e, por fim, conseguir evidenciar como o discurso clubístico interfere no discurso noticioso.

Ao final deste percurso, concluiu-se que essa correlação discursiva se estabelece em três principais faces: adjetivação, dramatização e aprofundamento. É salutar esclarecer que todas essas faces foram inferidas no momento da leitura do *corpus* noticioso. A partir daí, traçou-se o roteiro das entrevistas em profundidade na tentativa de validar tais inferências. As duas primeiras faces identificadas – adjetivação e dramatização – estão de certa forma interligadas. Percebeu-se que, quando o jornalista é torcedor do time que está cobrindo, há uma maior tendência em adjetivar as narrativas, o que poderia ser naturalmente explicado pelos aspectos subjetivos próprios da editoria esportiva, como a paixão e a emoção.

Porém, existe uma diferença crucial nesse processo: adjetiva-se mais quando o time está em uma fase ruim do que quando ele está em uma fase boa. Acredita-se ser este o maior indicativo da preferência clubística do repórter na matéria. Se o time dele vai mal, ele involuntariamente descarrega suas mágoas no texto, já que o papel se torna um refúgio de fácil acesso naquele momento. Torcedores “comuns” desabafam a derrota do seu time na arquibancada, em frente à TV ou na mesa do bar. Contudo, para os jornalistas esportivos envolvidos na cobertura, nem sempre – ou quase nunca – estes ambientes estão ao seu alcance, de modo que muitas vezes lhe restaria apenas o papel como a válvula de escape mais próxima.

Em alguns casos, a adjetivação é tamanha que culmina no dramatismo. Essa vastidão nem sempre está atrelada ao número de adjetivos do texto propriamente dito, podendo, inclusive, ser mais evidenciada na carga dramática que os termos carregam do que na quantidade de palavras adjetivadas em si. Nesse aspecto, pode-se dizer que a dramatização presente nas matérias é diretamente proporcional ao nível de crise no clube. Ou seja, quanto mais crítico for o contexto da pauta, mais dramatizado o texto

será. Sob essa perspectiva, ambas as faces – adjetivação e dramatização – não seriam tão atuantes em uma conjuntura positiva basicamente porque, quando a fase do time é boa, não há a necessidade do desabafo. Desse modo, os adjetivos cumpririam meramente sua função primordial de descrever, caracterizar e dimensionar melhor o fato, a vitória, o título, o feito.

Na terceira face em que se evidenciam as preferências clubísticas dos repórteres está o aprofundamento das matérias. Jornalistas que se veem perante o dilema de cobrir um momento crítico do seu time do coração – por mais distantes que consigam manter-se em relação à pauta – inevitavelmente vão em busca de justificativas para o ocorrido, pois, assim como o seu público precisa se inteirar dos motivos que desencadearam a crise, o jornalista, mesmo que de forma inconsciente, também quer encontrar os verdadeiros culpados da fase ruim: um time inoperante, uma administração incompetente ou uma gestão suspeita. Em contrapartida, não se faz matérias politizadas em momentos de glória – pelo menos não necessariamente. Isso porque, quando o time está bem, pressupõe-se que não há o que problematizar.

Evidenciadas as três principais faces das percepções clubísticas no *corpus* noticioso – aqui compreendidas não como um juízo de valor que comprometeria os fundamentos da profissão, mas, sim, como um discurso social arraigado na história peculiar do Rio Grande do Sul –, buscou-se comprová-las diante dos repórteres que assinaram o material. Tais percepções evidenciaram, por consequência, a premissa de que, na *ZH Esporte*, os setoristas tendem a cobrir o time para o qual torcem, ainda que isso tenha sido pressuposto mais pela análise das matérias do Inter do que pela análise das matérias do Grêmio – levando-se em conta que as percepções discursivas relacionadas ao momento crítico colorado favoreceram as inferências.

Apesar de os repórteres terem considerado tal fato uma mera coincidência, é provável que, na *ZH Esportes*, isso seja uma tendência editorial. O repórter Ticiano Osório (2018) – que atualmente responde pelo caderno *Sua Vida* e que, vale lembrar, foi o único entrevistado a declarar espontaneamente seu time do coração – sugere essa probabilidade quando reflete se voltaria a trabalhar no caderno de esportes: “claro que daí, eu sendo gremista não vão me botar pra ser setorista do Inter, entende?” (OSÓRIO, 2018, s/p). Contudo, ele complementa o raciocínio, alegando que não vê problema nisso, afinal, “se tu tenta ser coerente, se tu argumenta as coisas, os adversários vão te respeitar” (OSÓRIO, 2018, s/p).

Também é importante ressaltar que essa percepção quanto aos setoristas, por si só, é indiferente para medir a qualidade do trabalho jornalístico desempenhado pela *ZH Esporte* – e nem é este o propósito desta pesquisa. Acredita-se que, ainda que a bagagem cultural do jornalista possa pender sobre a matéria, fazer um bom trabalho tem mais a ver com o respeito aos fundamentos da profissão do que com a tentativa vã de se abdicar da subjetividade intrínseca ao ser humano. essa relação culmina no princípio-base que sintetiza todos os demais fundamentos jornalísticos: a ética. E isso independe de profissão ou editoria. Conforme afirmaram Barbeiro e Rangel (2006, p. 113), “a ética no jornalismo esportivo tem a mesma importância do que em qualquer outra área. [...] Ela baliza os parâmetros do que é virtuoso, justo, digno, honesto, solidário, enfim, um conjunto de valores que buscam melhorar a sociedade humana.”.

Referências

- BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.
- JORNALISTA A. Entrevista concedida à Thalita Neves. Porto Alegre, 26 abr. 2018.
- JORNALISTA B. Entrevista concedida à Thalita Neves. Porto Alegre, 26 abr. 2018.
- JORNALISTA C. Entrevista concedida à Thalita Neves. Porto Alegre, 26 abr. 2018.
- JORNALISTA D. Entrevista concedida à Thalita Neves. Porto Alegre, 27 abr. 2018.
- JORNALISTA E. Entrevista concedida à Thalita Neves. Porto Alegre, 26 abr. 2018.
- JORNALISTA F. Entrevista concedida à Thalita Neves. Porto Alegre, 26 abr. 2018.
- JORNALISTA G. **Equipe se despede do Brasileirão com derrota**. In: *Zero Hora*, 12 dez. 2016.
- ORLANDI, Eni. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- SILVA, Gislene. **Para pensar critérios de noticiabilidade**. Estudos em Jornalismo e mídia, v.2, n.1. Florianópolis: Insular, 2005, p. 95-106.
- SILVA, Gislene; SOARES, Rosana de Lima. **O método Análise de Cobertura Jornalística e o acontecimento noticioso da doença do ex-presidente Lula**. Revista Rumores, v.7, n.14, jul.-dez., 2013.
- TUCHMAN, Gaye. **Objectivity as strategic ritual**: An examination of newsmen's notions of objectivity. *The American Journal of Sociology*, 77(4), 660-679, 1972.